

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2019

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 3

Marcelo Máximo Purificação  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Máximo Purificação. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 3)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-718-5 DOI 10.22533/at.ed.185191710</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro *Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*, tem por objetivo alargar o diálogo entre pesquisadores e difundir trabalhos desenvolvidos nessas áreas do conhecimento.

Uma obra constituída de 29 artigos, de autores e instituições de diferentes regiões do país que abordam temas diversos e perpassam com maestria importantes discussões das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesse sentido, este livro está organizado em duas seções. A primeira composta por 15 artigos que versam sobre as Ciências Humanas estabelecendo liames com temas como: arte, didática, ensino, formação de professores, política educacionais, evasão escolar, fracasso escolar, entre outros.

A segunda seção composta por 14 artigos, estabelece uma relação dialógica com temas interdisciplinares discutidos a partir da lupa das Ciências Sociais Aplicadas e das condições humanas na perspectiva social, a saber: instituições sociais, organizações, inclusão social, desenvolvimento sustentável, bem-estar, tecnologias, dentre outros.

Nos artigos desta coletânea, o leitor poderá identificar que os autores lançam diferentes olhares sobre temas que são amplamente discutidos nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, numa linguagem acessível, deixando perceber o gosto e o valor da atitude de pesquisar.

Esperamos que a aproximação das temáticas dos artigos com os contextos sociais e com as relações do cotidiano, possa inspirar você leitor/a à reflexão, no intuito de compreender seus contextos, (inter)agir sobre os mesmos.

Uma excelente leitura!

Marcelo Máximo Purificação

## SUMÁRIO

### PARTE I – CIÊNCIAS HUMANAS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ARTE NÃO TRADUZ O VISÍVEL, MAS TORNA VISÍVEL	
Aline do Carmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A DIDÁTICA DESENVOLVIDA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, CONTRIBUI PARA A QUALIFICAÇÃO DO ENSINO DE CIÊNCIAS	
Leandro Moreira Maciel	
Maria Laura Brenner de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR PARA ALUNOS EM TRATAMENTO INTENSIVO	
Julia Pereira	
Luciane Madeira Motta Tavares	
Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONFLITOS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	
Manfred Toninger	
Andreia Cristiane Silva Wiezzel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS COM A LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO	
Ana Carolina Batista	
Gisele Kühn Haddad	
João Derli de Souza Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
ESTUDO SOBRE ERGONOMIA APLICADA AO DESIGN DE VESTUÁRIO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADE SENSORIAL	
Raysa Ruschel Soares	
Lívia Accioly Menezes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917106</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA ESCOLA JOSÉ PIO DE SANTANA IPAMERI GOIÁS (2016)	
Maira Aparecida Brandão de Freitas Marilena Julimar Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	
Débora da Costa Pereira Fábio André Hahn Marcos Clair Bovo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
LETRAMENTO DIGITAL NA BNCC: CULTURA VIRTUAL NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Amanda de Jesus Oliveira Santos Xavier Luciana Nogueira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1851917109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>106</b>
O SUJEITO E O OBJETO DO FRACASSO ESCOLAR: CULPA DE MUITOS, RESPONSABILIDADE DE POUCOS	
Débora Nogueira de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O TRATAMENTO DADO PELAS ESCOLAS AOS ALUNOS ORIUNDOS DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS	
Camila Aparecida Tavares Terezinha Richartz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PROMOVENDO O EMPODERAMENTO DA LÍNGUA INGLESA E DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Albene Cássia Dantas Gama Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>133</b>
SEMIÓTICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DE UM CARTAZ DO VESTIBULAR DA UEG: A QUESTÃO DO SENTIDO	
Jorge Lucas Marcelo dos Santos Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
UTILIZAÇÃO DE MATERIAL MANIPULÁVEL NO ENSINO DE PRISMAS RETOS	
Nayara Borges de Oliveira Corrêa	
Rosemeire Terezinha da Silva	
Robson Lopes Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES QUE SE ABREM NO ATO DE EDUCAR COM A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIAS ATIVAS	
Lucimara Glap	
Luiz Edemir Taborda	
Luana Eveline Tramontin	
Sani de Carvalho Rutz da Silva	
Antonio Carlos Frasson	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171015</b>	
<b>PARTE II – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>166</b>
A GRAMÁTICA EMOCIONAL DO ENVELHECIMENTO E AS DISPOSIÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	
Angela Elizabeth Ferreira de Assis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
A IMPORTÂNCIA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NA MELHORA DA AUTOESTIMA DA CRIANÇA HOSPITALIZADA COM CÂNCER	
Daniele Taina de Melo França	
Luís Sérgio Sardinha	
Valdir de Aquino Lemos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>199</b>
A IMPORTÂNCIA DO BIG DATA NAS ORGANIZAÇÕES	
Yasmin Teles Dos Santos	
Elisabete Tomomi Kowata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
A OBSERVAÇÃO RELACIONAL COMO TÉCNICA DE PESQUISA SOCIAL	
Nildo Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
AS CONCEPÇÕES DE ALMA EM AVICENA E O QUE SE SUCEDE DO “EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR”	
Jonathan Alvarenga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171020</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA EM PACIENTES COM HANSENÍASE E PERCEPÇÕES DE SEUS FAMILIARES	
Luana Nepomuceno Gondim Costa Lima Carina Cavalcanti Nogueira Lopez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>239</b>
DIREITO E ARTE: A PERFORMANCE <i>RHYTHM 0</i> DE MARINA ABRAMOVIC E O PRINCÍPIO DA INDISPONIBILIDADE DA VIDA	
Yohana Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>251</b>
INTERFACES ENTRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E TURISMO SOCIAL – O CASO DO FESTIVAL ROTA DOS SABORES EM CORONEL FABRICIANO (MG)	
Betinna Almeida de Tassis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>258</b>
LEMBRANÇAS DE DONA ZITA: UMA PESQUISA DE HISTÓRIA DE VIDA	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171024</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>270</b>
MEMÓRIAS DOS ADULTOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS RIO GENIPAÚBA ABAETETUBA PARÁ: MOTIVOS QUE CULMINARAM PARA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS NO PASSADO E PERSPECTIVAS DE RETORNO NO PRESENTE	
Thiago Maciel Vilhena Raiane Ribeiro Cardoso Francilene Farias Valente Ana Marcia Gonzaga Rocha Marlea de Nazaré Sobrinho Costa Holdamir Martins Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171025</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>283</b>
O CONCEITO DE IDEOLOGIA NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	
Abigail Ferreira Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171026</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>291</b>
O USO DA ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS EM DISSERTAÇÕES DA ENFERMAGEM	
Cristiane Lopes Amarijo Aline Belletti Figueira Alex Sandra Ávila Minasi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171027</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>299</b>
PROJETAR PARA O BEM-ESTAR: BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO DAS PESSOAS COM OS BENS MATERIAIS	
Maria Carolina Frohlich Fillmann	
Ulisses Filemon Leite Caetano	
Jéssica Collet	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171028</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO DE ARTESANATO NA INTERNET	
Nicole Rochele Cardoso Brancher	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18519171029</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>329</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>330</b>

## AS CONCEPÇÕES DE ALMA EM AVICENA E O QUE SE SUCEDE DO “EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR”

**Jonathan Alvarenga**

Graduando pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) em Filosofia - Departamento de Ciências Humanas, Lavras, MG, Brasil.

**RESUMO:** Neste artigo, analiso a teoria da alma de Avicena em sua obra “*Kitab al-nafs*” (Livro da alma). Assim, busco alcançar sua primeira indicação da substancialidade da alma (*nafs*), apresentada no primeiro capítulo de sua obra. Para isso, decorro acerca das limitações nas concepções de alma, apontadas por Avicena, enquanto forma, perfeição e faculdade estando ligadas à Aristóteles, segundo o árabe. Em sequência, analiso o experimento mental do homem suspenso no ar, indicando a independência da alma ao corpo, por meio da atividade supositiva de autorreflexão, permitida à substância possuidora de alma racional. Por fim, discutirei sobre imortalidade, independência, individuação e transmigração das almas, além de decorrer acerca de como se dá a união do corpo e da alma, temas relacionados e pertinentes em Avicena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia árabe; alma; Avicena; metafísica.

THE SOUL CONCEPCIONS IN AVICENNA  
AND WHAT HAPPENS OF THE “THOUGHT  
EXPERIMENT OF THE MAN’S SUSPENDEED IN AIR

**ABSTRACT:** In this article, I analyze the Avicenna’s soul theory in your work “*Kitab al-nafs*”. Like this, I walk your first indication of the substanciality of soul (*nafs*), in the first chapter of your book. For this, I talk about of limitations of soul conceptions while form, perfection and faculty, linked to Aristoteles, according to arabic. In sequence, I analyze the thought experimented of the man’s suspended in air, indicating the independence of the soul to the body, by means of self-awareness supository activity, allowed to substance that had rational soul. For end, let’s talk about immortality, independence, individuation and transmigration of the souls, besides how it happens the union between body and soul, related and relevant topics in Avicenna.

**KEYWORDS:** Arabic philosophy; soul; Avicenna; metaphysical.

### 1 | INTRODUÇÃO

Para início do presente artigo, proponho a discussão a respeito do que é a alma para Avicena e quais suas considerações a respeito do tema em Aristóteles, visto que o árabe observa limitações, de acordo com sua leitura, na teoria da alma do peripatético.

A partir do entendimento das considerações de Avicena sobre a alma

instituída em Aristóteles, é necessário notar as críticas traçadas por ele e como elas corroboram para o desenvolvimento de uma filosofia que não pretende apenas repetir aquilo que fora dito pelo filósofo estagirita, mas sim ultrapassá-la, dando novos contornos à teoria da alma em terras que falavam árabe.

Ao nos depararmos com o experimento mental do homem suspenso no ar, por exemplo, podemos perceber a tentativa de dizer a alma, em Avicena, não apenas em contato com o corpo, mas dela tendo como referência a si mesma. Algo que, sob a visão de Avicena, era impossível de se fazer seguindo apenas o estagirita.

Além disso, o presente artigo também visa tratar acerca das considerações de Avicena sobre a alma considerada em si mesma, discutindo aspectos como os de imortalidade, independência, individuação e transmigração das almas, além de decorrermos acerca de como se dá a união do corpo e da alma, já que são substâncias distintas. Todos muito presentes ao nos direcionarmos ao que Avicena entendia por alma.

## 2 | A TEORIA ARISTOTÉLICA DA ALMA E SUAS LIMITAÇÕES

É importante estabelecermos, então, a interpretação de alma que havia desde Aristóteles e com a qual Avicena tem como pano de fundo ao construir sua psicologia (GUTAS, 2012, p.417; ATTIE FILHO, 2002, p.242), tendo em vista que é através dela que a perspectiva aviceniana se retêm e estabelece críticas.

Ao nos depararmos com a obra *De Anima*, de Aristóteles, temos que "A alma, portanto, tem de ser necessariamente uma substância, no sentido de forma de um corpo natural que possui vida em potência" (De Anima II.1, 412a 19-21). Daqui podemos retirar que a alma, em sua definição, apenas existe enquanto ligada ao corpo, integrando a existência do composto de forma e matéria.

Disso decorre que a alma não possui substancialidade em si mesma, segundo Aristóteles, mas apenas enquanto parte do composto, ou melhor, a partir do ponto em que está ligada à matéria. Seria, então, segundo a leitura de Avicena, faculdade, já que é princípio ativo de movimento do composto (AVICENA, 2011, p.34); forma, enquanto mantêm relação com a matéria, sendo causa formal (AVICENA, 2011, p.34); e perfeição, ao dar determinação ao composto, exercendo o papel de causa final (AVICENA, 2011, p.34-35). Por outro lado, a matéria seria apenas um receptáculo, uma parte indeterminada e que poderia ser moldada no composto ao ser nela introduzida a forma (AVICENA, 2011, p.35).

Para Avicena, essa concepção de alma se caracteriza como problemática, já que o filósofo procura conceituar a alma como uma substância (KAUKUA, 2015, p.37), ou seja, de maneira que não possua relações essenciais com o corpo, e que não seja afetada quando ele deteriorar e cessar de existir enquanto matéria inanimada.

A partir deste ponto, o autor busca, em *O Livro da Alma*, evidenciar que as

definições aristotélicas de alma não dizem na íntegra o que esta substância é e que, por fim, seria ela uma substância que independe da matéria.

Para começarmos, então, digamos primeiramente o que a alma não é. Avicena corrobora com uma premissa de Aristóteles, a qual diz que a alma não pode ser corpo (AVICENA, 2011, p.34). Tendo em vista que a alma se caracteriza, quando considerada no composto, como princípio ativo, sendo então sua parte em ato, não pode ser matéria já que esta é a parte do composto que está em potência e que é indefinida, precisando então de algo outro para estar em ato e para realizar suas potencialidades. Ademais, argumenta Avicena, se acaso fosse corpo, o corpo precisaria de algo que não fosse a alma para ser seu princípio ativo. Porém, como o composto animado é apenas dividido entre corpo e alma e não notamos um terceiro elemento envolvido, pode ser que a alma não deve ser corpo, pois, caso contrário, todo o composto estaria em potência (AVICENA, 2011, p.34).

No que se segue à argumentação, Avicena nos diz que, enquanto a alma mantém relação com o corpo, o melhor nome que ela poderia possuir é o de “perfeição” (*istikmâl*) (AVICENA, 2011, p.35), visto que “perfeição” engloba o sentido da alma como sendo faculdade e forma, pois, na medida em que a forma é a determinação da matéria, ela é o que a perfaz, sendo sua perfeição.

No sentido oposto, se por acaso disséssemos a alma apenas enquanto forma do corpo, teríamos o problema de que nem toda perfeição é uma forma, tendo em vista que, utilizando o exemplo presente na obra de Avicena (2011, p.35), a perfeição da cidade não é a forma da cidade, mas o rei que a rege, perfazendo a cidade. Temos ainda que nem toda a perfeição envolve a matéria, com isso salvuardamos a alma nos corpos celestes que, segundo Avicena, não são dotados de matéria, órgãos ou da mesma compreensão de vida que possuímos das criaturas terrestres (AVICENA, 2011, p.39-40). Logo, graças a seu sentido mais abrangente, a alma é melhor chamada de perfeição.

Quando dizemos ser ela uma faculdade, algo que Avicena nega, dizendo que a alma não é uma faculdade, mas possui faculdades (*quwa*), vemos que neste sentido está incutido também o sentido de perfeição, porque a faculdade perfaz o indivíduo, seja enquanto faculdade motora ou receptiva, na medida em que dá a ele a realização de suas potenciais capacidades. Mas, se consideramos a alma enquanto faculdade e somente isso, nos deparamos com a dificuldade de que existem faculdades ativas e passivas, sendo que, se a alma fosse uma faculdade, ela seria ou da ordem passiva ou da ordem ativa. Entretanto, a alma engloba tanto a ordem passiva, no ponto em que atua como receptora das formas, quanto a ordem ativa, enquanto é princípio (AVICENA, 2011, p.36). Além disso, dizer da alma enquanto faculdade não fornece o que a alma é, tendo sua essência aqui distanciada de nossa compreensão. Logo, a alma possui faculdades, mas não é ela mesma uma faculdade.

Portanto, ao dizermos da alma como forma ou como faculdade, o sentido é mais incompleto do que quando dita como perfeição. De fato, também quando dizemos

da alma como forma, não damos a ela seu sentido enquanto faculdade e, quando dizemos dela como faculdade, não damos a ela seu sentido de forma. Portanto, na medida em que dizemos da alma em relação ao corpo, o mais apropriado é dizer dela como perfeição do composto.

Retornando ao sentido da forma como perfeição, já que esgotamos suas considerações enquanto forma e faculdade, temos que ainda assim a perfeição não nos informa tudo sobre a alma. Como disse Avicena:

Contudo, quando dizemos 'perfeição' não se sabe se disso decorre que ela é uma substância ou não é uma substância, visto que o significado de 'perfeição' é ser a coisa pela existência da qual o animal torna-se animal em ato e o vegetal [torna-se] vegetal em ato (AVICENA, 2011, p.36).

Logo, podemos dizer a partir deste ponto, que ainda que a alma estando em relação com o corpo seja chamada de perfeição, ou seja, chamada em seu sentido mais forte enquanto parte do composto, ainda não possuímos ciência da substancialidade dela, já que até agora não dissemos nada propriamente da alma enquanto alma, mas enquanto relação com o corpo. Tendo isso em mente, é que partimos para a segunda parte deste artigo, que busca verificar esta possibilidade através de um experimento proposto pelo filósofo.

### 3 | O EXPERIMENTO MENTAL DO HOMEM SUSPENSO NO AR

Antes de passarmos para o experimento mental, é importante deixar claro que este vem para unificar a primeira seção do primeiro capítulo do *Kitab al-nafs*, segundo a tradução de Attie Filho (2011), e não como algo independente e fora de contexto em relação à toda temática desta seção. O que tal experimento faz é mudar o foco da pesquisa, considerando-a não mais exteriormente, mas interiormente, isto é, agora passa-se a analisar a alma não nos outros ou fora dela, mas em si mesma. Assim, como diz Genz, o experimento mental:

[...] marca uma mudança de direção, do exterior para o interior. Esse é um detalhe importante. O experimento não surge ao final da seção como um corte, a introdução de uma novidade absolutamente inesperada. Ele surge em harmonia com todo o texto. É como se desde a primeira linha da seção começasse a ser elaborado o “ambiente” para a apresentação do experimento ao final. E se, em relação a Aristóteles, podemos marcar a aparição do experimento como uma ruptura - afinal o conteúdo da seção se desenvolve sobre um quadro conceptual do estagirita - uma análise centrada apenas na própria obra revela a coerência e unidade da abordagem aviceniana. (GENZ, 2014, p. 27)

Para indicar então a substancialidade da alma, após este pequeno preâmbulo, o autor opta por utilizar um experimento mental que demonstra a independência desta em relação ao corpo experimento mental do homem suspenso no ar. Trago sua primeira versão na obra de Avicena, descrito no fim da seção I do capítulo primeiro

do “Livro da alma”:

Dizemos, pois: é preciso que um de nós conjecture como se tivesse sido criado – e criado perfeito –, mas de modo súbito. Contudo, ele estaria eclipsado em sua visão, [daquilo que] provém das cenas exteriores. Teria sido criado [como se] caísse no ar ou no vácuo; a cair sem que, por choque algum, devesse sentir a consistência do ar a chocar-se com ele. Seus membros estariam separados entre si, sem se encontrarem, nem se tocarem. Bem, em seguida, pensar-se-ia: será que ele constataria a existência de sua essência sem duvidar, em sua constatação, de que sua essência é existente, apesar de não constatar com isso [nem] extremidade de seus membros, nem interior de suas vísceras, nem coração, nem cérebro, sequer coisa alguma do exterior? Melhor, constataria sua essência sem constatar que ela teria [nem] comprimento, nem largura, nem profundidade? E, se nesse caso lhe fosse possível imaginar uma mão – ou um outro membro –, não a imaginaria [como] parte de sua essência nem [como] condição quanto à sua essência? Ora, tu sabes: aquilo que é constatado é distinto daquilo que não se constata; e, nisto, o que é incontestado é diferente daquilo que não se atesta. Logo, a essência que constata sua existência possui uma propriedade para isso, na medida em que ela é, em sua especificidade, distinta de seu corpo e de seus membros que não se constata[m] [suas próprias existências]. Portanto, o que é constatado é para ele [tal homem] uma via para que se lembre de que existência da alma é algo distinto do corpo, melhor, é incorpórea (AVICENA, 2011, p.42).

Partamos, então, para a análise de tal experimento.

Nesta imagem de um ser humano criado com suas faculdades plenamente desenvolvidas sem possuir qualquer percepção de seus órgãos ou de suas capacidades sensíveis, o único conhecimento que ele tem é o de si mesmo, na medida em que seu único objeto de inteligência é si próprio por meio de sua existência. Logo, ao voltar-se para si mesmo, o sujeito reconhece que existe, sem ter contato com nenhum objeto sensível, e sem saber de qualquer capacidade sensorial que a ele se encontra em potência. Como disse Black:

Avicena, então, pergunta se a autorreflexão poderia estar ausente em um estado tal como este. Poderia uma pessoa, enquanto desprovida de toda a experiência sensorial, ser inteiramente desprovida de uma autorreflexão? Avicena acredita que ninguém "dotado de esclarecimento" poderia negar que sua consciência de si mesmo poderia permanecer a mesma, inclusive nessas situações. Ele é confiante que até sob essas extremas condições, o sujeito poderia continuar a afirmar "a existência de si mesmo" (BLACK, 2008, p.3, tradução minha).

Como primeiro ponto, visto que a autorreflexão ocorre antes de termos qualquer experiência ou de estarmos em contato com qualquer objeto que possa ser inteligido, podemos inferir que a autorreflexão só pode ser inata (BLACK, 2008, p.4) e, do mesmo modo, auto-evidente (BLACK, 2008, p. 5) não precisando ser demonstrada em princípios anteriores ou posteriores.

Além deste primeiro ponto mencionado, temos ainda que:

Ora, tu sabes: aquilo que é constatado é diferente daquilo que não se constata; e, nisto, o que é incontestado é diferente daquilo que não se atesta. Logo, a essência que constata sua existência, possui uma propriedade para isso, na medida em que ela é, em sua especificidade, distinta de seu corpo e de seus membros que não

De acordo com a presente citação, o experimento também nos diz que há uma distinção entre corpo e alma, na medida em que se constata a existência da alma e não a existência do corpo. Dito de outra forma, Avicena defende a tese de que se notamos a existência de certo elemento, sem constatar a existência de outro elemento junto ao primeiro, logo, estes dois elementos não podem ser o mesmo. Portanto, são distintos.

Black nos elucida sobre esse ponto ao mencionar que “se eu conheço x, mas não conheço y, então x não pode ser o mesmo que y” (BLACK, 2008, p.3). Logo, se eu constato a existência da alma e não a do corpo, portanto o corpo é distinto da alma.

No que se segue, como são duas substâncias distintas, ao se estabelecer que não há percepção dos sentidos, ou por meio deles, no experimento mental, resta-nos algumas questões que devemos procurar responder e que, a partir deste ponto, me volto a elas.

A primeira questão é que, ao se dizer que a alma e o corpo são duas substâncias distintas, deve-se investigar a partir de que momento elas se juntam e formam o composto, e se esta união se dá de forma acidental ou essencial, já que possuem origens distintas, devendo se unirem em algum momento. Além disso, outra questão que se pode estabelecer é a de onde provêm a individuação do composto, que está intrinsecamente ligada à ressignificação da conceituação de alma em Aristóteles com o que diz respeito à junção corpo e alma, que será encontrada no momento de união das duas substâncias para a formação do composto.

Dedico então as próximas duas seções deste artigo para a análise da junção do composto, à acidentalidade ou essencialidade na união do corpo e alma e à análise da individuação do composto, ou seja, se é feita por parte do corpo ou da alma.

#### **4 | ACIDENTALIDADE OU ESSENCIALIDADE NA UNIÃO ENTRE O CORPO E A ALMA?**

Para responder então à pergunta proposta no título desta seção, analiso a quarta seção do quinto capítulo presente no "Livro da alma" de Avicena, onde o autor discute como se dá a união entre corpo e alma, chegando à conclusão de que essa distinção se dá apenas por equivalência na existência, sendo obtida de forma acidental, como será explicado mais adiante.

A existência da alma juntamente à do corpo corrobora diretamente para a existência acidental, culminando em uma não deterioração da alma quando há a morte do corpo. Podemos ver isso claramente ao seguirmos o pensamento aviceniano de negação da existência do corpo com a alma tanto por anterioridade quanto por posterioridade na existência.

No que concerne ao argumento contra a junção entre corpo e alma por

anterioridade na existência, temos que se assim fosse, tal ligação seria essencial (AVICENA, 2010, p.237). Tal possibilidade seria problemática, já que a causa de deterioração do composto estaria contida na alma, ao considerarmos que a alma seria essência do corpo. Segundo Avicena:

Com efeito, se assim fosse, então seria necessário que a causa do aniquilamento sobreviesse na substância da alma e corrompesse, junto com ela, o corpo. Ora, de modo algum o corpo é corrompido devido a uma causa que é própria a ela [substância da alma]. Ao contrário, a corrupção do corpo é devida a uma causa que é própria a ele, pela alteração da mistura ou da composição (AVICENA, 2011, p.238).

Por outro lado, ao considerarmos a junção entre corpo e alma por posterioridade à existência, o corpo seria causa da alma, sendo tal possibilidade inviável. Dizemos que esta união seria inviável na medida em que a alma é princípio ativo do composto e sua parte imaterial. Portanto, é impossível que ela seja causada pela parte do composto que corresponde à corporeidade e à passividade presente nele.

Com efeito, aquilo que fornece a existência da alma é algo incorpóreo, não é uma potência em um corpó[reo]. Ao contrário, ele é, sem dúvida, uma essência estruturada, pura de matéria e de dimensões. Assim, na medida em que a existência dela [alma] se dá a partir desse algo – e do corpo resulta apenas e tão somente o instante de sua reivindicação à existência –, então ela, em sua própria existência, não tem vinculação com o corpo (AVICENA, 2011, p.237).

Logo, temos que a junção entre o corpo e a alma apenas pode se dar por meio da equivalência na existência, de modo acidental, assegurando que a alma não se vincula com o corpo por essencialidade, acaso estivesse impregnada no corpo por anterioridade na existência. Assim sendo, salvaguardamos a independência da alma em relação ao corpo.

Portanto, com a morte do corpo não teremos de fato a morte da alma, ainda que para a existência da alma humana de forma individuada seja necessária a presença do corpo. Como nos diz Druart:

Corpo e alma são originados simultaneamente, *mas não morrem simultaneamente, já que a alma não depende do corpo para realizar as suas atividades essenciais*, estando demonstrado ser incorruptível e, portanto, mantendo sua individualização (DRUART, 2000, p.267, grifos meus, tradução minha).

Logo, vemos que alma e corpo não morrem simultaneamente, apesar de serem criados simultaneamente, ou seja, a deterioração do corpo não envolve a deterioração da alma, mesmo que no instante da criação da alma venha a ser um corpo que sirva a ela como reino ou receptáculo (DRUART, 2000, p.262-263). Assim, a acidentalidade da junção entre corpo e alma salvaguarda a imortalidade da alma em relação à morte do corpo.

## 5 | DA UNIÃO ENTRE CORPO E ALMA À IMPOSSIBILIDADE DE TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS

Avançando em nosso intento, ainda nos resta uma outra questão à qual devemos nos direcionar, proposta no fim da segunda seção deste artigo e que através dela teremos a resposta para o que somos em essência, ou seja, qual é a parte individualizante do composto, o corpo ou a alma? Para isso, Avicena nos diz que:

O certo é que, ao ocorrer a matéria de um corpo, que esteja ajustada para ser um instrumento e um reino para a alma, as causas separadas [fazem] com que ocorra a alma particular - ou a partir delas ocorre algo assim (AVICENA, 2011, p.236).

Nota-se nesta passagem que aquilo que atua como condição para a existência do corpo é a alma, já que o corpo é criado como um instrumento para determinada alma, ou seja, está subordinada a ela, moldado à necessidade individual de cada alma. Ao dizer isso, possuímos como saldo que somos primeiramente, em função lógica, intelectos, tendo em vista que as causas separadas nos criam como intelectos particulares. No momento em que isso ocorre, a alma une-se a uma matéria criada em simultaneidade a ela, feita especificamente para se unir a tal alma, para que assim seja possível a individuação do composto feita no tempo (DRUART, 2000, p. 262), de forma que esta ligação não ocorre senão por acidente como dito. Deste modo, após a morte do corpo, a alma continua a existir enquanto intelecto, ou seja, sem relação com o corpo, portando em si o conhecimento inteligido que está em ato, a auto-consciência e os atos morais adquiridos na existência (DRUART, 2000, p. 266).

A sustentação argumentativa para o fato de que somos essencialmente intelectos, ou almas quando é dito em relação ao corpo, vem logo abaixo, quando Avicena nos diz que:

Aliás, a ocorrência das [almas] - ocorrendo uma e outra [de modo] excludente – sem uma causa individuante, seria absurdo; pois, com isso, de acordo com o que já explicamos, estaria impedida a ocorrência da multiplicidade numérica delas (AVICENA, 2011, p. 236).

Logo, um argumento para considerarmos que somos almas, e não substâncias corpóreas, está ligado à multiplicidade numérica dos corpos em contraste com o princípio individuante dado pela alma. Dito de outra forma, como consideramos que a alma é aquilo que nos individua, enquanto o corpo é apenas moldado pela alma, sendo multiplicidade, não podemos dizer que somos corpos, já que o corpo não é por si só determinante, no que se refere à essência do indivíduo. O que somos enquanto indivíduos, ou unidade, é dado pela alma.

Mais um argumento que favorece a aceitação dessa da alma enquanto essência do indivíduo é apresentado por Kaukua (2015, p.43), no qual ele irá arguir que, como temos em nós a possibilidade de inteligir acerca da unidade, não podemos ser

corpóreos, já que o corpóreo é múltiplo. Dito em outras palavras, através do intelecto temos a possibilidade de entender sobre conceitos simples e que são indivisíveis, como o conceito de pensar ou até mesmo de animal racional, na medida em que animal racional se refere a apenas uma inteligência em nossa alma. Desta forma, notamos também que a alma não pode estar ligada essencialmente a nenhum órgão corpóreo já que este traz consigo a ideia de multiplicidade, sendo que o intelecto apenas consegue entender a unidade. Portanto, "Como resultado, na medida em que somos capazes de inteligência, não podemos ser divisíveis e, por conseguinte, não somos corpo" (KAUKUA, 2015, p.43).

Ainda neste sentido, cabe acrescentar que não é possível a transmigração das almas, ou seja, a negação da possibilidade de passagem de uma certa alma a outros corpos além daquele à qual foi destinada, visto que cada alma fora feita para um corpo apenas. Segundo Druart:

A conexão entre um corpo particular e nossa alma é tão forte que apesar dessa alma sobreviver à morte, não pode ser envolvida na transmigração, já que a individualização é de uma vez todas. No mais, a conexão não é uma conexão de qualquer corpo apropriado, mas de um corpo particular em exclusão a outro (DRUART, 2000, p.265, tradução minha).

Outro fator que invalida a transmigração de acordo com o pensamento aviceniano é o de que se a transmigração fosse real, um mesmo corpo seria ocupado por duas almas, ou seja, aquela que transmigrou e aquela que fora destinada a ele. Isso é impossível, já que há apenas uma alma como princípio das ações do composto (AVICENA, 2011, p.241). Mediante esta percepção, temos clara a impossibilidade de outra alma subsistir em um mesmo composto animado.

Por fim, cabe então dizermos quais são os papéis do corpo enquanto componente do composto, já que não está ligado à alma de forma essencial. Kaukua sustenta que:

Portanto, o indivíduo humano ocorre primeiramente na ocorrência de corpos adequados. Quando um embrião se desenvolve a um feto como parte do corpo de sua mãe, governado pela alma de sua mãe, e o feto, por sua vez, atingiu um estado como 'corpo natural orgânico que executa [ou é capaz de executar] atividades vitais', uma respectiva alma para governá-lo e somente ela, emerge do Intelecto ativo (KAUKUA, 2015, p.45, tradução minha).

Logo, temos aqui evidenciado que, enquanto a alma é princípio, ou melhor, na medida em que possui a característica de reger algo, ela apenas conclui esta vocação no momento em que possui algo para governar. Levando em conta este algo que ela governa é o corpo, a alma somente cumpre suas capacidades na presença do corpo

Disso se segue que parte da constituição do indivíduo somente é dada na medida em que adquirimos experiências únicas, através de sensações únicas propiciadas apenas no contato da alma com o corpo. Para a realização de sua totalidade, portanto, a alma necessita do corpo.

## CONCLUSÃO

Diante dos tópicos citados nesse artigo, pudemos ver um pouco do que é a noção de alma para Avicena. Logo, vemos que o primeiro passo que o autor se utiliza como forma de traçar um caminho para alcançar seus objetivos é justamente o de estabelecer limitações às considerações de Aristóteles sobre a alma, para então estabelecer novos horizontes a ela.

Desta maneira, Avicena limita os sentidos de alma antes concebidos pela interpretação das obras de Aristóteles, ou seja, os sentidos enquanto forma, faculdade e perfeição, e termina por dizer que tais sentidos apenas dizem respeito da alma enquanto ela mantém relação com o corpo. Porém, essas concepções de alma nada dizem respeito dela em si mesma, sendo necessária uma nova forma de alcançá-la não enquanto mantém relação com o corpo, mas enquanto consideramos a alma por si mesma.

Assim, chegamos ao primeiro modo de falar-se da alma por si na filosofia aviceniana, ou seja, o experimento mental do homem suspenso no ar. Tal experimento é por si uma indicação (MARMURA, 1986, p. 387) da independência da alma ao corpo, sendo que ao ser constatada a existência de si mesmo como uma substância imaterial, ao constatar-se a alma em detrimento do corpo, temos que a alma em si não necessita do corpo. Como disse Marmura (1986, p. 387, grifos meus, tradução minha):

Ao retornar-se à declaração imediata que é precedida à primeira versão do “Homem suspenso”, é clara a declaração que a intenção do que se segue é a *indicação* de “uma maneira de estabelecer a existência da alma [...] por meio de um alerta ou rememoração, dando uma indicação que traz um forte impacto em alguém que tem o poder de noticiar a verdade em si mesmo”. [...] Em outras palavras, nós discernimos aqui (no experimento mental do homem suspenso no ar) dois estágios de conhecimento. O primeiro é conhecer que o *si mesmo é imaterial*, o que leva ao segundo, um conhecimento experiencial do si mesmo como uma entidade imaterial.

Logo, como dissemos acima, o experimento mental é uma forma de termos a experimentação da imaterialidade do si mesmo, pela independência da alma ao corpo.

No que se segue ao artigo, estabeleceu-se a necessidade de investigar se alma e corpo se unem de maneira accidental ou essencial, sendo visto que a resposta para tal pergunta é que se juntam por accidentalidade, ficando preservada a imortalidade da alma e sua independência às mazelas do corpo.

Ainda vimos como se dá a união entre corpo e alma e que, assim como a de que a substância que individua o composto é a alma. Tal individuação dá-se no tempo, ao serem unidas uma alma criada em simultaneidade a um corpo especificamente criado para ser um “reino” a essa alma. Por este modo, fica estabelecida a impossibilidade da transmigração da alma, como pudemos observar.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. Tradução de Ana Maria Lóio. V. III, Tomo I. Lisboa: Biblioteca dos Autores Clássicos, 2010.
- ATTIE FILHO, M. **Falsafa: A filosofia entre os árabes**. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- AVICENA. **Livro da alma**. Tradução de Miguel Attie Filho. São Paulo: Globo, 2011.
- BELO, C. **Essence and Existence in Avicenna and Averroes**. *Al-Quantara*, v. 30, n. 2, p. 403-426, 2009.
- BLACK, D. **Avicenna on Self-Awareness and Knowing that One Knows**. S. Rahman, T. Hassan, T. Street, eds., *The Unity of Science in the Arabic Tradition*. Dordrecht: Springer Science, v. IV, n. 1, p. 63–87, 2008.
- DRUART, T. A. **The Human Soul's Individuation And It's Survival After The Body's Death: Avicenna On The Causal Relation Between Body And Soul**. *Cambridge University Press*, v. 10, p. 259-273, 2000.
- GUTAS, D. Avicenna: **The Metaphysics of the Rational Soul**. *The Muslim World*, v. 102, Issue: 3-4, p. 417-425, 2012.
- GENZ, A. C. M. **O experimento do Homem Suspenso no Livro da Alma: inteligência como presença**. 138 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- KAUKUA, J. **Self Awareness in Islamic Philosophy: Avicenna and Beyond**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.
- MARMURA, M. 1986. **Avicenna's "Flying Man in Context"**. *Monist*, 69, p. 383-395.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artesanato 308, 309, 310, 311, 312, 317, 318, 319

Avicena 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220

### B

Bem-estar 170, 171, 172, 176, 178, 182, 183, 222, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306

Big data 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

### C

Coleta de dados 33, 129, 146, 148, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289

Competitiveness 190

Conflitos emocionais 33, 36, 37, 43

### D

Desenvolvimento sustentável 242, 243, 244

Design 57, 58, 59, 62, 241, 290, 291, 292, 298, 305, 306, 318

Didática 13, 14, 16, 19, 129, 203

Direito e Arte 230

Disposições sociais 157, 162, 163

### E

Educação do campo 261, 267, 268, 273

Ensino de ciências 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 155, 272, 273

Ensino técnico integrado 82, 94

Entrevista 4, 12, 37, 65, 71, 72, 73, 78, 86, 87, 102, 113, 197, 208, 226, 246, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288

Envelhecimento 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ergonomia 57, 58, 59, 62

Estética da recepção 4, 5, 52

Estrutura familiar 72, 73, 79, 117, 121

### F

Famílias homoafetivas 117, 118, 122

Felicidade 181, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 303, 304, 305, 306, 307

Filosofia árabe 210

Formação do leitor 45, 46, 47, 55

Fracasso escolar 66, 67, 69, 72, 80, 86, 93, 94, 95, 106, 108, 109, 110, 111, 116, 262

### G

Gêneros digitais 96, 98, 99, 101, 103, 104

Geometria espacial 146, 147, 154, 155

## H

Hanseníase 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

História de vida 249, 250, 257, 258, 259, 260, 285, 286

## L

Letramento 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Letramento digital 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

## M

Momentos pedagógicos 146, 148, 154

Motivação 54, 73, 78, 79, 89, 92, 109, 127, 177, 178, 265, 270

Música 7, 10, 18, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 124, 254, 255

## O

Observação relacional 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

## P

Plano de Conteúdo (PC) 133

Plano de Expressão (PE) 133

## R

Rejeição 221

Rendimento escolar 76, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115

## S

Superação 66, 84, 127, 128, 129, 131, 178

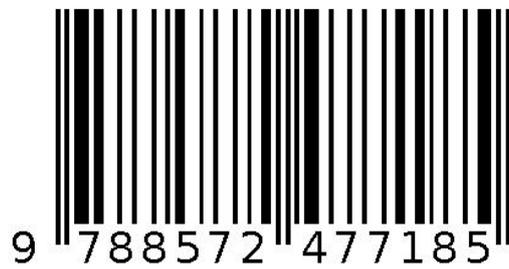
## T

Técnica inovadora 22, 23

Terapia Assistida por Animais (TAA) 170, 172, 184, 186, 187, 188

Tratamento intensivo 22, 23, 25, 30

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-718-5



9 788572 477185